

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Claudio Marzo Cavalcanti de BRITO

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba / *Campus* João Pessoa – Coordenação de Eletrotécnica - Av. Primeiro de Maio, 720 – Jaguaribe - João Pessoa-PB – CEP: 58.015-430

E-mail: marzo@ifpb.edu.br

RESUMO

O artigo argumenta que, apesar das políticas governamentais recentes de fomento à leitura, principalmente voltadas para o ensino fundamental, os adolescentes, em geral, chegam ao ensino médio, no Brasil, desinteressados pelos livros de literatura, situação agravada pela visão de ensino cientificista que prioriza as ciências exatas em detrimento das ciências humanas e as artes. Ações são sugeridas com o intuito de contribuir com uma mudança concreta da realidade da leitura literária no ensino médio. A mediação de leitura, desenvolvida principalmente pelo professor-leitor, permitiria que o contato dos alunos com a literatura deixasse de ser um momento meramente formal de “interpretação de texto”, o qual, em geral, culmina com uma avaliação escrita, e se transformasse em um momento de interação entre leitores (narradores e ouvintes), por meio de uma *leitura dialógica*, uma convivência mais estreita com a voz poética que emana das obras literárias preocupadas em refletir conscientemente as emoções, os sentimentos, os anseios e os sonhos inerentemente característicos da condição humana. A mediação de leitura proposta no trabalho é realizada na perspectiva da oralidade definida pelo medievalista suíço Paul Zumthor, e enaltece o papel dos mediadores como agentes propagadores de uma nova concepção de leitura, mais humana, subjetiva e interdependente, preocupada em formar leitores maduros e conscientes, aptos a questionar e a transformar a realidade que os cerca.

Palavras-chave: mediação de leitura, oralidade, performance, literatura, ensino médio

1 INTRODUÇÃO

A história recente da humanidade mostra que o acesso ao livro e o surgimento das bibliotecas públicas têm uma estreita relação com a implantação das escolas, independentemente da região em que estas começaram a ser disseminadas (FABRE, 1996, p. 202). Mesmo com a alfabetização de muitos membros de uma mesma família, não há a garantia de que o primeiro acesso à escrita, por meio da transmissão do texto escrito ou o dizer, será realizado nas gerações posteriores. Como o ato de ler é cultural, e, em um primeiro momento, é transmitido por meio do exemplo, principalmente dos pais e parentes mais próximos, em países em que o hábito de ler no seio familiar é pouco disseminado, como no Brasil, fica ainda a cargo da escola a responsabilidade de facilitar às crianças e aos jovens o acesso às obras literárias que tenham uma preocupação estética e social relevante. No entanto, nosso sistema educacional, no tocante à formação de leitores críticos, ainda é muito deficiente, pois somente 25 % dos brasileiros conseguem compreender e interpretar plenamente os textos que lêem, segundo o último Indicador de Alfabetismo Funcional - INAF (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2009). Por isso, aliadas às políticas de incentivo à leitura e valorização dos livros de literatura, promovidas pelo Ministério da Educação (MEC) e implementadas pelo Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), devem existir ações concretas de mediação de leitura nas escolas de ensino médio – por exemplo, o Programa Nacional Biblioteca na Escola, que distribui livros literários pelas escolas brasileiras, somente contemplou, em 2010, escolas de educação infantil, fundamental e educação de jovens e adultos, conforme pode ser visto no *site* do FNDE.

Se considerarmos que, nos países periféricos, a problemática da leitura é agravada pelo fato de que há uma cultura de subdesenvolvimento que apregoa e cultiva um sistema de relações humanas mesquinho e excludente, com base na extrema concentração de renda e no empobrecimento da maioria da população, então a literatura, enquanto um legado, um patrimônio humano criado para ser usufruído, analisado e discutido com olhos, valores e categorias sugeridos por criações artísticas e aparelhos intelectuais, estará, muito provavelmente, desempenhando um papel social inócuo e inexpressivo (LAJOLO; ZILBERMAN,

2002, p. 10). Neste aspecto, reforçará ainda mais o discurso totalitário e positivista dos racionalistas que, em prol de um dogmatismo cientificista, supervalorizam as ciências exatas em detrimento das ciências humanas e as artes, uma vez que estas “não produzem nada de *concreto* para o mercado”. Esse pensamento imediatista, consumista e utilitarista do saber prejudica ainda mais a conscientização do público escolar quanto à necessidade de nos aprofundarmos no universo perene, humano e subjetivo dos textos literários. Por isso, ao mesmo tempo em que os partidários do cientificismo, os quais possuem como porta-vozes contumazes os meios de comunicação de massa, dizem em alto e bom tom que a literatura não serve para nada, que não passa de uma grande trama de mentiras, um passatempo para ociosos, talvez seja o momento dos mediadores de leitura despertarem para o fato de que, mais do que *desenvolver* competências e habilidades associadas à interpretação de textos, é importante que o aluno se *envolva* com a experiência da leitura, com o intuito não somente de obter conhecimento, cultura ou saber, mas principalmente de se humanizar, por meio de um processo catártico, compassivo, emotivo e racional, o qual surge a partir do contato com textos literários transmitidos pela palavra viva, a voz, símbolo da resistência contra a alienação humana. “A civilização dita tecnológica ou pós-industrial está em vias (e já o dissemos bastante!) de sufocar em todo o mundo o que subsiste de outras culturas e de nos impor o modelo de uma brutal sociedade de consumo. Mas, na própria medida dessa expansão e diante da ameaça que ela traz, o que é que cada vez mais resiste no mundo de hoje? (...) As formas de expressão corporal dinamizadas pela voz.” (ZUMTHOR, 2000, p. 73).

Na perspectiva zumthoriana, o ato *solitário* da leitura (“o qual marca o grau performancial mais fraco, aparentemente próximo de zero”) se torna um ato *solidário* (“a performance com audição acompanhada de uma visão global da situação de enunciação”), pois o envolvimento individual é compartilhado coletivamente em ambientes agradáveis de leitura, em que o respeito e a camaradagem regem a interação entre os leitores, os quais relatam, numa perspectiva intrínseca e plenamente humana, suas próprias experiências adquiridas a partir da convivência com o texto literário, tendo em mente que “a ciência aspira à objetividade, pois a verdade que busca é a do objeto. Para o romance (a literatura), por sua vez, a realidade é objetiva e subjetiva, está fora e dentro do sujeito, e desse modo é uma realidade mais integral que a científica (SABATO, 2006, p. 102).

A grande maioria dos livros, ensaios e artigos que trata da problemática da leitura o faz numa perspectiva da infância, porque considera que uma política consistente de fomento à leitura e acesso aos livros deve se preocupar quase que exclusivamente dos pequenos leitores. O período da infância, no Brasil, é sem dúvida quando as pessoas mais têm contato com a leitura. Com o passar dos anos, entretanto, o contato com os livros diminui, pois a escola deixa de influenciar positivamente – diminuindo, gradativamente, até praticamente eliminar, no ensino médio, o relato de história, a transmissão do texto escrito, o passeio na biblioteca, as conversas literárias, etc. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil mostra que 49 % dos leitores adultos reconhecem que a leitura esteve mais presente em suas vidas da infância até os 14 anos, quando estavam no Ensino Fundamental; somente 15 % leram mais entre os 15 e 17 anos, quando freqüentavam o Ensino Médio (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008, p. 66). O que ocorre, em geral, é que a escola de ensino médio não tem o mesmo comprometimento com a formação de leitores que as escolas de ensino fundamental. Os professores de língua portuguesa, redação e literatura esperam que os alunos já tenham sido preparados, na primeira infância, para a leitura e a interpretação de textos, os quais, no ensino médio, são recomendados em função de uma lista bibliográfica voltada para o vestibular.

O problema principal associado ao distanciamento dos alunos em relação aos livros de literatura talvez esteja no fato de que simplesmente eles não são apresentados a textos e autores interessantes e desconhecidos que, lamentavelmente, ficam *arquivados* nas estantes das bibliotecas. O bibliotecário, na maioria das vezes, não preparado para apresentar o acervo ao público leitor, simplesmente se vê como um arquivista, um catalogador de livros. Como *guardador de livros*, sua missão é não permitir que os exemplares sejam danificados, isso implica, obviamente, deixá-los inacessíveis – muitas bibliotecas não realizam o empréstimo de livros, e, quando o fazem, é de forma indireta, os alunos não podem pegar um livro diretamente na estante. A criação de uma Casa da Leitura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí / *Campus* Floriano, vinculada a uma política interna intensiva de estímulo à leitura, permitiu que o público leitor voluntário da escola, que era de somente 5 %, passasse a praticamente 50 %, em cerca de um ano. Nesta escola, antes da criação de um espaço informal para a leitura, o acervo da biblioteca não estava disponível diretamente aos alunos (SANTIAGO; BRITO, 2009, p. 3).

As pessoas mais indicadas para apresentar os livros aos alunos são os professores, desde que efetivamente sejam leitores. No entanto, não somente os professores de Língua Portuguesa, Redação e Literatura devem ser responsáveis pela propaganda e pela apresentação de livros – qualquer professor pode assumir essa responsabilidade, desde que goste muito de ler. Para desenvolver a mediação de leitura, facilitando a compreensão de textos e despertando o interesse de alunos pela literatura, os professores-leitores precisam, além de discutir aspectos técnicos (literários e gramaticais), falar dos livros com amor, paixão, desgosto, raiva, ou seja, se *envolver* com a leitura do texto apresentado.

O processo de mediação de leitura envolve vários aspectos da oralidade: a apresentação prévia do texto e do autor; a leitura em voz alta, realizada por um leitor-narrador; a interação com o texto dito, que ocorre entre os leitores; gestos e olhares; a entonação e a pulsação da voz; etc. A forma como essa oralidade se apresenta depende de um contexto que envolve o lugar, o tempo, a natureza do texto e a forma como está sendo narrado ou interpretado. Por isso, a mediação aqui é vista sob a perspectiva da performance, definida pelo medievalista suíço Paul Zumthor. Neste aspecto serão analisadas e discutidas ações que visem à formação e à manutenção de jovens leitores no ensino médio.

2 ASPECTOS DA ORALIDADE

De acordo com Paul Zumthor, a voz e o corpo são os principais recursos utilizados pelos contadores de histórias na performance, a qual é uma ação oral-auditiva pela qual a mensagem literária (poética) é simultaneamente transmitida e percebida, no tempo presente, em que o leitor-narrador assume voz, expressão e presença corporal, enquanto o leitor-ouvinte, que não é passivo, também se inclui como presença corporal (SALLES, 2007). Na obra de Zumthor, há uma profunda análise sobre o papel do corpo na leitura e na percepção do literário, ou seja, de como a performance contribui para a experiência literária dos leitores. O ato de ler, enquanto um processo puro de decodificação de um signo gráfico, meramente em busca de informação, é um ato neutro. O prazer no ato da leitura surge a partir de um laço estabelecido entre o leitor-narrador e o leitor-ouvinte. Este prazer constitui um momento poético, em que o discurso se torna uma realidade poética ou literária (ZUMTHOR, 2000, p. 29).

Para melhor esclarecer o papel da performance na mediação de leitura, uma diferença importante entre texto e obra é estabelecida. O texto literário é o que está escrito, permanece imutável no decorrer dos tempos. A obra literária, no entanto, é a “atualização” do texto, por meio da voz e do corpo, ou seja, por meio da performance. Neste sentido, o texto é legível e a obra é visível e audível (SALLES, 2007). A atualização do texto implica o que Zumthor define como *movência*, que é a variação entre o texto escrito e o corpo performático. Na *movência*, o texto escrito é permanente, mas a performance estará sempre sendo atualizada, no tempo presente, fruto da interação entre o intérprete (leitor-performático) e seu público (leitor-espectador). No processo de atualização do texto, a obra criada, a partir da interação entre o conhecimento presente no texto e o dizer performático, é única, pois a performance modifica o conhecimento, ela não é simplesmente um meio de comunicação, é um meio de criação (ZUMTHOR, 2000, p.37).

No processo de mediação de leitura, a performance engloba desde seus aspectos básicos (o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do narrador-locutor e a resposta do público), até a propaganda do texto, que pode ocorrer dias antes da leitura, como uma maneira de estimular o interesse do público-leitor pelo texto. Considerando que, diferentemente de uma recitação, um improviso, em que a presença do intérprete é plena, “carregada de poderes sensoriais”, para Zumthor, na leitura, essa presença é de certa forma colocada em “parênteses”, se o corpo e a voz não se manifestarem adequadamente. “Entre o consumo, se posso empregar essa palavra, de um texto poético escrito e de um texto transmitido oralmente, a diferença só reside na intensidade da presença” (2000, p. 81). Daí a necessidade de que a performance seja caracterizada por uma *leitura dialógica*, em que os leitores presentes (narradores e ouvintes) sejam estimulados a interagir e colocar seus pontos de vista. Os tipos de leitor obviamente definem as motivações particulares dos leitores-espectadores no ato performático da leitura.

Há classificações diversas dos tipos de leitores. Bamberger (1977, p.39) define quatro tipos, com base na matéria preferida de leitura: romântico, realista, intelectual e estético. O romântico preza o mágico e o emotivo; o realista rejeita o fantástico, opta por histórias que “retratam a realidade”; o intelectual busca explicações, textos instrutivos; e o estético gosta do som das palavras, do ritmo e da rima. Martins (1994, p. 37), ao definir a leitura como sensorial, emocional e racional, salienta que as características dos leitores não são únicas, elas aparecerem no decorrer do contato com o texto, com a vivência proporcionada pela leitura. Há, obviamente, um perfil de leitor que define suas preferências textuais. No entanto, esse perfil não o

impede de realizar leituras diversas mesmo em um texto com tendências mais próximas ao seu gosto literário. No fundo, “não há uma literatura social e uma literatura individual, também não há uma literatura nacional e uma literatura universal: há literatura profunda e literatura superficial. Isso é tudo.” (SABATO, 1972, p. 44).

O mediador deve estimular a leitura de uma variedade de temas, prezando a boa qualidade dos livros literários. E o que define a qualidade literária? Em termos filosóficos, a metafísica: a busca histórico-ontológica pela compreensão do ser, a reflexão consciente sobre a condição humana, na sempre tentativa de compreender e minimizar o sofrimento humano. A arte é o refúgio que nos permite contemplar nossas mais profundas angústias, para que possamos transcendê-las. Nossos mais desestabilizadores sentimentos (raiva, ciúmes, paixão, inveja, ódio, etc.) e nossas mais harmoniosas virtudes (compaixão, bondade, respeito, confraternidade, etc.) não estão sempre presentes nas grandes obras literárias, para que tenhamos a oportunidade de, finalmente, nos olhar frente a frente com nossa obscura face no espelho e, quem sabe, detectar necessárias mudanças interiores?

O processo de medição de leitura não pode ocorrer plenamente sem que seja considerado o elemento motor responsável pela conexão do texto escrito com o leitor: a voz. A escrita é um texto mudo. No ato da leitura, mesmo silenciosa, surge uma fluência, um ritmo, uma melodia, um tom que definem a musicalidade do texto lido. Para o escritor José Saramago, a escrita é uma experiência musical, uma composição. A busca por um andamento ou compasso (lento, moderado ou rápido) define a construção da frase, de tal forma que a colocação ou retirada de palavras surge a partir da necessidade imanente de definir o último tempo do compasso. Um processo semelhante acontece com os contadores de histórias, os quais resgatam da memória contos que, embora possuam o mesmo enredo, nunca são iguais, pois surgem a partir de interpelações que, durante o processo de construção da história, procuram manter os mesmos compassos memorizados, os quais são a espinha dorsal da performance desenvolvida. E, para Saramago, “[...] isso, que pode ser confuso, se obedecer a uma preocupação estrutural, se tiver em conta valores do andamento do compasso e, digamos, da própria melodia – que aí já tem a ver com a sonoridade de cada palavra e da sucessão delas –, tem então qualquer coisa de encantatório. No fundo, a palavra autêntica, a palavra verdadeira é a palavra dita. A palavra escrita é apenas uma coisinha morta que está ali, à espera de que a ressuscitem. É no dizer da palavra que a palavra é efetivamente palavra.” (BRAVO ENTREVISTA!, 2002, p. 48). Ao considerar o texto como uma estrutura de compasso definido, na tentativa de uma compreensão exata do que está escrito, Saramago recomenda ao leitor que leia os textos seus em voz alta, e, caso opte pela leitura silenciosa, que ao menos tente ouvir a voz que surge dentro da cabeça, responsável pelo acompanhamento do compasso literário.

A voz presente nos textos literários precisa de um corpo para se expressar, ganhar materialidade e estabelecer um diálogo. “Escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte.” (ZUMTHOR, 2000, p. 98). E que voz é esta que fala por todos se não a voz da presença poética e humana existente no texto literário, interpretada pelo leitor-narrador? Porque para os “leitores ou espectadores é que o artista trabalha e sofre, os seres a quem de verdade é destinada essa mensagem críptica, essa mensagem que lhes levará uma luz portentosa e estranha, e que lhes permitirá examinar seus próprios abismos, uma luz que lhes levará consolo e desassossego, certeza e vacilação, enfrentamento de seu próprio drama e a infinita liberação de não se sentir só. Em virtude dessa maravilhosa confraternidade é que a arte existe. De outro modo, os artistas se calariam para sempre ou morreriam. Simplesmente morreriam.” (SABATO, 2006, p. 172). A voz estabelece o diálogo com o outro, indispensável à reflexão. Para Zumthor, “leitura é diálogo, porque ela é encontro e confronto pessoal. A ‘compreensão’ que ela opera é fundamentalmente dialógica: meu corpo reage à materialidade do objeto, minha voz se mistura, virtualmente, à sua. Daí o ‘prazer do texto’” (2000, p.74). E esta *leitura dialógica* pode ser diversificada, dependendo do texto dito. Por exemplo, a leitura em voz alta, quando permeada de pausas e silêncios, fortalece a comunicação entre o texto e o leitor. Da mesma forma, a exposição das impressões provocadas pelo texto nos leitores, sejam narradores ou ouvintes, proporciona uma relação verdadeiramente humana com a obra apresentada. E se o texto escolhido reflete a condição humana, seus momentos de apatia e desconsolo, surge um diálogo mais franco, aberto, pois, diante do sofrimento, desabrocham a compaixão e a esperança, sentimentos inerentemente humanos. A oralidade, enquanto elemento responsável pelo fortalecimento do contato com o texto escrito, deve estar presente em seus aspectos mais humanos na escola. Sendo performática, possui uma voz que representa o anseio e a busca de todos os seres humanos. E é na frequência poética dessa voz que o coração humano vibra. A escola deve então valorizar a oralidade com o intuito de formar e manter jovens leitores.

3 MEDIADORES DE LEITURA

A escola de ensino médio é tão importante quanto a escola de ensino fundamental na criação de novos leitores e, principalmente, na manutenção dos já existentes, os quais não podem ser estimulados à leitura de textos técnicos e científicos em detrimento da leitura de obras de ficção. Aspectos metafísicos e existenciais da natureza humana têm de ser considerados nos processos de mediação de leitura, por isso a literatura, com seu caráter artístico e subjetivo, torna-se uma fonte rica para o desenvolvimento emotivo e cognitivo de jovens leitores, a partir do uso da imaginação, desde que sejam convencidos de que serão ajudados pelos livros que lêem (SANTOS; MARQUES NETO; ROSING, 2009, p. 123-124)

Pesquisa recente, realizada no CEFET-PI / UNED-Florianópolis (hoje IFPI - *Campus Florianópolis*), mostrou que, entre 138 alunos do Curso Técnico em Eletromecânica, somente 11,6 % estavam acima da média *per capita* de leitura voluntária no Brasil (1,3 livro por ano) e aproximadamente 60 % dos alunos não liam nenhum tipo de livro literário (BRITO, 2008). Muitas razões costumam estar associadas ao fato de que a escola não está conseguindo consolidar comportamentos de leitura criados na infância: professores sem formação adequada em mediação de leitura, falta de políticas oficiais de fomento à leitura em todos os níveis de ensino, menor acesso aos livros pelos jovens do que pelas crianças, pouca identificação dos jovens com os livros indicados e/ou oferecidos pela escola, etc. (SANTOS; MARQUES NETO; ROSING, 2009, p. 222).

Para formar ou manter leitores, a escola deve investir na capacitação de mediadores de leitura, agentes escolares (professor, aluno, bibliotecário, funcionários, etc.) que têm em comum o gosto pela leitura.

3.1 Professores

O principal mediador de leitura nas escolas é o professor, figura importante não somente como facilitador na compreensão de textos, mas também como propagandista de livros de literatura. No entanto, é importante frisar que o professor somente se torna referência se efetivamente for um leitor. Pesquisa recente realizada em várias escolas públicas, no estado de São Paulo, com 264 professores, mostrou que somente 18,18 % manifestaram gostar de ler ou ter o hábito de ler (KLEBIS, 2006, p. 153).

O professor-leitor não somente é o professor de Língua Portuguesa, Redação e Literatura, ou seja, não somente é aquele com formação em Letras. Pode ser qualquer professor que verdadeiramente goste de ler – e principalmente livros de literatura. Entra em sala de aula com livros embaixo do braço, interrompe a aula para citar um autor ou trecho de livro que, pertinente e contextualizado, permitirá uma melhor abordagem de uma situação prática vivenciada ou refletida por ele e sua turma durante um processo de ensino-aprendizagem. É um propagandista de livros. Não esconde sua admiração por uma obra ou autor específico. E, quando fala, não esconde sua emoção. A voz e o corpo assumem um papel performático. Consciente de seu poder de influência, o professor-intérprete se empenhará na sensibilização de seus alunos em relação à obra apresentada. Quer tocar o coração de seus alunos para que adentrem o universo literário em busca de uma contemplação, uma verdade que os faça pulsar com e para a vida. Usa sua voz em busca de novas vozes. Por isso, além do acervo canônico fornecido pela escola, procura oferecer aos alunos um leque variado de opções, formado por livros da escola ou mesmo seus, para que as vozes se apresentem de forma diversificada. O professor sente necessidade de compartilhar com seus alunos as emoções, experiências, visões e reflexões proporcionadas pelos livros de literatura. Neste aspecto, tem consciência de que precisa se expor como ser humano. E, ao trabalhar com um livro ou fragmento de um texto literário, não o fará emitindo opiniões frias e distantes de críticos literários ou autores de livros didáticos a seus alunos. As opiniões, as reflexões sobre um livro ou texto literário serão realmente *suas*, construídas a partir de suas próprias leituras. E, ao ler textos ou fragmentos de textos em sala de aula, não deixará de querer saber quais impressões dos alunos sobre a leitura realizada, pois sabe como é importante que os alunos se expressem oralmente, que exercitem a leitura dialógica.

A avaliação de uma leitura não deve ficar restrita ao preenchimento de um “exercício de interpretação”. Seja ouvido ou lido, todo texto causa uma *impressão* (uma aprendizagem que adentra nosso ser e nos marca no momento da audição/leitura), gera uma reação que, se bem explorada pelo mediador, se transforma em uma *expressão* (uma nova aprendizagem que surge de dentro para fora a partir da interação do texto com a própria bagagem prévia de conhecimento). Um diálogo interno surge, no leitor, a partir do contato com um texto literário. Mais do que extrair significado de um texto, mais do que atribuir significado a um texto, ler é interagir com o texto (LEFFA, 1996, p. 11-17). Nesse processo de interação, surge o diálogo interno. A exposição desse diálogo é uma motivação e um desafio, o qual pode receber a ajuda do mediador. Em geral,

quando bem acolhidos, os jovens gostam de se expressar. Por que não estimulá-los a falar de suas impressões literárias?

Os seres humanos não são iguais ao lidar com seus sentimentos, alguns são mais equilibrados que outros. As pessoas reagem de forma diferente às mesmas provocações, aos mesmos infortúnios mentais. Na literatura, um mesmo tema provoca reações diversas, e a sala de aula é um excelente ambiente para que essas várias impressões possam ser discutidas. Se os livros apresentam idéias e valores que interessam os jovens, ou seja, questões sobre como encontrar-se a si mesmo, sobre o conhecimento do mundo, sobre uma filosofia de vida, os jovens certamente se interessarão (BAMBERGER, 1977, p. 73).

Compartilhando seus sentimentos e suas reflexões com os alunos, a partir de um texto literário, o professor-mediador humaniza a leitura, permite que sua performance *envolva* a sala de aula, e não simplesmente *desenvolva* competências e habilidades para facilitar a compreensão de um texto que não cativa os alunos. Cativar não significa que o aluno tenha de gostar do texto, simplesmente é uma garantia de que ele está interessado e, provavelmente, disposto a debatê-lo. Quanto menos conhecemos um assunto, menor é nossa capacidade de argumentar sobre ele, daí surge o preconceito, a forma mais superficial de nos desviar daquilo que nos incomoda e não entendemos. Os alunos têm de ser estimulados a falar sobre as suas impressões positivas ou negativas em relação ao texto.

3.2 Alunos

Depois da família e do professor, quem mais influencia os leitores são os amigos, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2008. Os leitores jovens costumam realizar propaganda mútua de livros. Esta voz patente, presente nos corredores, na cantina, refeitório, sala de aula, biblioteca, chama os latentes leitores aos livros. Por isso, a escola deve estimular a atuação de alunos-leitores como mediadores de leitura, inclusive por meio de bolsas de monitoria ou de pesquisa. Se há monitores para as disciplinas de Física e Matemática, por que não criar monitores-mediadores de leitura? Os alunos-leitores devem ser estimulados a criar grupos ou clubes de leitura, para debater textos que serão apresentados em sala de aula pelo professor-mediador, discutir processos de adaptação de textos para o teatro, a música e o cinema - por que não estimular o aluno músico, por exemplo, a compor uma melodia para um poema? Por que não realizar um pequeno curta-metragem, baseado em um conto ou crônica, se a escola dispõe de recursos audiovisuais?

Em geral, os alunos preferem falar a escrever sobre um determinado texto. No entanto, muitas vezes o professor não disponibiliza o tempo necessário em suas aulas para que os debates possam ocorrer. Se não puder ouvir individualmente, o professor ao menos deve estimular a formação de grupos fixos para que os porta-vozes, que devem sempre ser modificados em cada debate, possam expor as impressões gerais e específicas do grupo. O aluno deve ser estimulado a não somente falar sobre o texto, mas também a contextualizá-lo, sob o ponto de vista da existência humana. Neste aspecto, o enredo exerce uma importância menor do que os personagens. Os enredos, ao longo da história da humanidade, estão sempre se repetindo, no entanto a forma inovadora como os personagens lidam com as situações presentes nos textos literários depende da grandeza do autor. O mais importante, então, é entender como os *novos personagens* enfrentam os *velhos desafios*. Obviamente que esta afirmação não implica dizer que os textos clássicos deverão ser esquecidos. Existe a possibilidade de contextualização de textos literários independentemente da época em que foram escritos, isto porque os grandes textos não são datados, são atemporais. A narrativa é que definirá a relação do leitor com o texto. Se o original de um clássico, por exemplo, impõe uma dificuldade de leitura aos jovens, por que não utilizar boas adaptações? “O que interessa mesmo a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que somos feitos. (...) A gente faz a festa é com uma boa história bem contada. Não com sutilezas estilísticas, jogos literários ou modelos castiços de uso da língua – que poderão, mais tarde, fazer as delícias de um leitor maduro.” (MACHADO, 2002, p. 13).

Os alunos devem ver os livros, tocá-los, folheá-los, cheirá-los. Uma capa, uma ilustração, um título, um projeto gráfico inovador podem despertar o interesse dos alunos pelos livros. E, além de ter contato com o maior número de livros possível, os alunos devem também conhecer escritores. Por que não convidar um escritor da cidade para um debate com os alunos ou mesmo para lançar um novo livro na escola? Se a visita não for possível, documentários podem ser utilizados para apresentar o tema da leitura e a visão de mundo de alguns escritores. O contato com o escritor e seu universo de criação pode estimular o interesse dos alunos pelo estilo de sua narrativa e facilitar a compreensão e a contextualização dos enredos e personagens de seus livros.

3.3 Bibliotecários

O bibliotecário deve deixar de ser um mero guardador ou arquivista de livros para assumir um papel mais efetivo, dentro da escola, como um mediador de leitura, uma vez que 75% dos brasileiros não têm o hábito de frequentar bibliotecas (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008). Deve promover o encontro dos alunos com os livros, por meio de exposições regulares de uma parte do acervo da biblioteca em locais visíveis da escola, como pátios, refeitórios, *hall* de entrada, etc., na contínua tentativa de atrair visitantes para suas estantes. Exibir livros, com o intuito de despertar o interesse dos transeuntes para o que existe *de fato* na biblioteca.

O ambiente da biblioteca deve ser menos formal. Para a leitura, em geral, há somente mesas e cadeiras. O aluno, para ler, assume sempre o papel do *estudante*, ou seja, aquele que está com um texto à mão para adquirir conhecimento específico. O escritor e artista gráfico Ziraldo costuma dizer que, da mesma forma que precisamos de alimentos para o corpo, precisamos de alimentos para a alma, os quais são os livros. O livro, portanto, é um gênero de primeira necessidade. Devemos, portanto, não somente convidar os alunos para os *jantares* formais, sentados nas duras cadeiras das bibliotecas, mas também convidá-los para *piqueniques* em salões informais de leitura. Por que não utilizar poltronas, sofás, almofadas, etc., para criar um ambiente mais descontraído, com mais possibilidade de um relaxamento durante a leitura? Será que a biblioteca terá sempre de ser um lugar de estudo? O aluno não poderia frequentá-la simplesmente para realizar uma leitura local sem nenhum compromisso, realizar uma leitura por prazer ou entretenimento?

A mediação de leitura na escola deve ocorrer de forma integrada, e por isso deve envolver a biblioteca, o qual poderia ser um centro de debates literários, entre professores, alunos e escritores. Em tempos em que palavras como interdisciplinaridade e integração aparentemente surgem com a intenção de criar laços mais concretos entre diferentes áreas do conhecimento humano, promovendo, desta forma, um diálogo que permita uma visão mais interdependente na formação humana, talvez seja o momento de as escolas deixarem de teorizar sobre o real significado da importância do ato de ler, e promover debates internos, inclusive convidando especialistas na área de mediação de leitura, na tentativa de adquirir uma consciência plena do papel dos livros de literatura na formação de seres humanos mais conscientes e maduros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desinteresse dos alunos em literatura, apresentado nas escolas de ensino médio, mostra claramente a necessidade de uma mudança de postura dos gestores educacionais e dos professores com o intuito de estabelecerem um vínculo mais estreito entre os jovens e os livros, para não somente formar novos leitores, mas também manter os que já demonstram um vínculo com o universo literário, uma vez que, conforme a escolaridade aumenta, a tendência é o distanciamento dos jovens em relação aos livros de literatura. A escola deve se desapegar do conceito antigo de “ensino científico” para o ensino médio, o qual preza o extremo racionalismo e um cientificismo cego, voltado especificamente para a produção de um objeto concreto, mensurável. Sendo a literatura uma genuína expressão artística de criadores que assumem o papel de testemunhas de um tempo, ela reflete os mais profundos sentimentos e anseios de uma geração. No entanto, enquanto voz literária, o livro por si só é mudo, precisando de um corpo e uma voz humana para se expressar, por meio de uma performance, apresentada na perspectiva de Paul Zumthor, que permite uma interação entre o leitor-narrador e o leitor-ouvinte, em um processo de transmissão de um texto escrito que, no ato performático, transforma-se em uma obra contextualizada e datada. Neste aspecto, a leitura torna-se uma oportunidade de confraternização de idéias e sentimentos, em que o corpo é estimulado a se expressar, criando uma *leitura dialógica*, interativa, na intenção genuína de questionar e encontrar respostas que permitam aos leitores o seu desenvolvimento como seres humanos críticos e criativos, refletindo conscientemente sobre a existência e a condição humana, a partir da convivência poética com a literatura.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1977.

BRAVO! ENTREVISTA. **José Saramago: O Nobel da língua portuguesa**. São Paulo: Editora D'Ávila, 2002.

BRITO, Claudio Marzo Cavalcanti de. Projeto Caixa da Leitura: uma iniciativa de valorização da leitura no CEFET-PI / UNED-Florianópolis. In: Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica (III CONNEPI), 2008, Belém-PA. **Anais... Fortaleza: IFPA**. 1 CD-ROM.

FABRE, Daniel. **O livro e sua magia**. In: CHARTIER, Roger. Práticas da leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO (Brasil). **Indicador de Alfabetismo Funcional 2009** – Principais Resultados. São Paulo, 2009.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (Brasil). **Retratos da leitura no Brasil**. 2 ed. São Paulo, 2008.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. **Leitura e envolvimento: a escola, a biblioteca e o professor na construção das relações entre leitores e livros**. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra - Luzzato, 1996.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SABATO, Ernesto. **El escritor y sus fantasmas**. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

_____. **Tres aproximaciones a la literatura de nuestro tiempo**. 2 ed. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1972.

SALLES, Lilian Silva. **Paul Zumthor: uma fronteira tênue entre a voz e a letra**. Publicado em 15/12/2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3108/1/Paul-Zumthor-Uma-Fronteira-Tenue-Entre-A-Voz-E-A-Letra/pagina1.html>> Acesso em: 30 mai 2010.

SANTIAGO, Darley Fiácrio de Arruda; BRITO, Claudio Marzo Cavalcanti de. Casa da leitura do IFPI / Campus Florianópolis: uma experiência democrática de acesso à leitura. In: Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica (IV CONNEPI), 2009, Belém-PA. **Anais...** Belém: IFPA. Disponível em: <<http://connepi2009.ifpa.edu.br/connepi-anais/iniciar.htm>> Acesso em: 05 jun 2010.

SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tania M.K. (Org.). **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.